

Aiatolá diz que ataque dos Estados Unidos pode levar a guerra regional

Líder Supremo do Irã comparou onda de protestos no país a um golpe de Estado

Khamenei.ir/ Wikimedia Commons

O líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, afirmou neste domingo (1º) que eventuais ataques dos Estados Unidos contra o país desencadearão um conflito regional.

“Os americanos devem saber que se iniciarem uma guerra, desta vez será uma guerra regional”, disse, aplaudido por apoiadores que gritavam “morte à América”.

“Quando vocês os ouvem falar de guerra, dizendo coisas como ‘vamos chegar com este avião ou aquele avião e fazer isto ou aquilo’, isso não é novidade. Os americanos já nos ameaçaram repetidas vezes no passado, dizendo que ‘todas as opções estão sobre a mesa’, o que inclui a opção da guerra”, continuou o aiatolá.

“Mas a nação iraniana não será intimidada por isso. O povo iraniano não será mobilizado por essas ameaças. Não somos os iniciadores e não queremos atacar nenhum país, mas a nação iraniana dará um duro golpe em qualquer um que a ataque ou a assedie.”

O aiatolá Ali Khamenei também afirmou que a onda de manifestações que se espalhou por Teerã e outras grandes cidades do país assemelha-se a um golpe de Estado.

“[Os manifestantes] atacaram a polícia, prédios governamentais, quartéis da Guarda Revolucionária, bancos, mesquitas e queimaram o Alcorão... Foi um verdadeiro golpe de Estado”, disse Khamenei, citado pela agência Tasnim. Segundo o líder, a tentativa de golpe fracassou.

Os protestos no Irã começaram em dezembro e se trans-



Aiatolá Ali Khamenei fez uma série de declarações que intensificaram a tensão internacional

formaram na mais séria ameaça à teocracia desde sua instalação, em 1979. O regime respondeu com uma brutal repressão. Organizações de direitos humanos contabilizam mais de 6.000 vítimas, enquanto Teerã admitiu que 3.000 pessoas morreram durante as manifestações.

Khamenei também afirmou que eventuais ataques dos Estados Unidos contra o país desencadearão um conflito regional. “Os americanos devem saber que se iniciarem uma guerra, desta vez será uma guerra regional.” Washington apoiou os protestos contra o regime e tem pressionado Teerã pelo controle de sua infraestrutura nuclear com a ameaça de bombardeios.

Na noite de sábado (31), o presidente dos EUA, Donald Trump, disse que o Irã negocia com o governo americano um acordo sobre seu programa nuclear. “Espero que negociem algo aceitável”, disse a repórteres durante uma viagem à Flórida, acrescentando que Teerã deveria aceitar um tratado sem armas nucleares. “Não sei se eles o farão, mas estão conversando conversando seriamente conosco”, disse.

Mais cedo, o chefe do Exército do Irã, Amir Hatami, afirmou que a infraestrutura atômica do país não será suprimida. Washington, Israel e várias potências ocidentais afirmam que o aparato iraniano visa alcançar uma bomba atômica, algo que Teerã nega.

“O conhecimento e a tecnologia nuclear da República Islâmica do Irã não podem ser eliminados, mesmo que os cientistas e os filhos da nação se tornem mártires”, disse, em referência aos bombardeios que atingiram instalações e cientistas iranianos durante a guerra de 12 dias, em junho passado.

Hatami também disse, em alerta aos Estados Unidos e a Israel, que as Forças Armadas de Teerã estão em estado de alerta máximo após um deslocamento expressivo de navios de guerra americanos no Golfo.

“Se o inimigo cometer um erro, isso colocará sem dúvida alguma em perigo sua própria segurança, a da região e a do regime

sionista”, disse o chefe do Exército, citado pela agência de notícias iraniana Irna, acrescentando que as Forças Armadas estão “plenamente preparadas”.

Washington enviou ao Oriente Médio uma força naval de ataque liderada pelo porta-aviões USS Abraham Lincoln, deslocamento que desperta o temor de um confronto direto com o Irã. A nação islâmica tem avisado que, se for atingida, responderá disparando mísseis às bases norte-americanas no Oriente Médio e atacando os aliados dos EUA, em particular Israel.

Também neste domingo, o presidente do Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf, classificou de terroristas os Exércitos europeus. O anúncio, cujas consequências imediatas ainda não estão claras, é uma resposta à decisão da União Europeia, na última quinta-feira (29), de incluir a Guarda Revolucionária Islâmica na lista de organizações vistas como terroristas pelo bloco.

“A repressão não pode ficar sem resposta”, escreveu Kaja Kallas, chefe da diplomacia da UE, em post no X, referindo-se à repressão violenta de Teerã contra as manifestações que se espalharam pelo país.

“De acordo com o artigo 7 da lei sobre contramedidas relativas à designação do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica como organização terrorista, os Exércitos dos países europeus são considerados grupos terroristas”, disse Ghalibaf, vestido com um uniforme da guarda em sinal de solidariedade.

Entenda como será a viagem à lua da Artemis 2

Josh Valcarcel/ NASA

Depois de cinco décadas, um grupo de humanos pode se aproximar novamente da Lua com a missão Artemis 2. Reid Wiseman, Victor Glover, Christina Koch e Jeremy Hansen devem se tornar as primeiras pessoas a deixar a órbita da Terra desde 1972, quando ocorreu a Apollo 17.

Um ensaio para a missão no Centro Espacial Kennedy, na Flórida (Estados Unidos), no qual haverá testes de transferência de combustível e outros procedimentos necessários para o lançamento, está agendado para esta segunda-feira (2).

O primeiro dia da janela de lançamento era a sexta-feira (6) e o segundo, o sábado (7). Porém, como houve uma mudança na data do ensaio --antes marcada

para o último dia de janeiro--, o início do voo da Artemis 2 pode ser no próximo domingo (8). A Nasa afirma que só definirá o dia exato da decolagem após esse ensaio.

Além das datas citadas, o calendário da agência espacial para lançamento da Artemis 2 inclui os dias 10 e 11 de fevereiro. As outras datas são em março e abril.

As datas deste começo de fevereiro estão à mercê de como estará o tempo nas semanas que seguem. Apesar disso, os quatro astronautas já estão em quarentena, em Houston, para garantir que não se exponham a doenças que possam comprometer a missão.

Os EUA, onde ocorrerá o lançamento, passam por um período



Christina Koch, Victor Glover, Reid Wiseman e Jeremy Hansen

de frio muito intenso e nevascas. A Nasa afirma que seus engenheiros têm monitorado o avanço do tempo frio e ventos avançando pela Flórida.

A Artemis 2 será uma missão de muitos “primeiros”. É a primeira vez que mais de três pessoas fazem a jornada juntos até a Lua. A missão, que teve sua tripulação escolhida durante a gestão do democrata Joe Biden, terá a primeira mulher e o primeiro homem negro dando a volta no satélite natural da Terra. Além disso, terá o primeiro não americano (um canadense) a embarcar em uma viagem lunar.

Por Gustavo Queirolo, Luciano Veronezi, Phillippe Watanabe e Salvador Nogueira (Folhapress)